

Envelhecentes e resiliência: sujeitos psicológicos como capital social

Tania Scuro Mendes*

Resumo

A população brasileira com mais de 65 anos, segundo o censo de 2010, passou, na última década, de 5,9% para 7,4%, o que corresponde a um aumento de 25% dessa faixa etária. O Estatuto do Idoso (2003) pode representar um avanço democrático na construção da cidadania dessa categoria de pessoas, no entanto, o próprio conceito de “idoso” está se transformando e fomentando um novo modo de compreender a pessoa em processo de envelhecimento. Por isso, traz-se o conceito de envelhecimento. Este artigo, resultante de pesquisa empírica, busca investigar modos de adaptações psicológicas e sociais de pessoas envelhecidas, analisando possíveis processos de resiliência neles implicados, bem como busca discriminar inserções de pessoas em processo de envelhecimento em setores sociais e econômicos, caracterizando possíveis atuações diretas e indiretas e analisar em que aspectos sociais e psicológicos os envelhecidos gostariam de ser mais bem contemplados, de modo a ampliarem sua qualidade de vida. Entre os resultados da pesquisa aparecem a maior atividade dos envelhecidos, mudanças de mentalidade, aumento na instrução e socialização e incremento na liberdade de ação. Como conclusão, aponta-se que, diferentemente de gerações anteriores, que

traziam ao processo de envelhecimento a aposentadoria e o afastamento gradativo do convívio social, as gerações que ora estão experimentando essa fase continuam em plena atividade social, cultural e, por vezes, exercem funções como profissionais de caráter formal e informal. Como as pessoas ficam mais tempo envelhecendo, despontam duas necessidades: de vislumbrar alternativas novas para essa fase da vida e de se ampliar as políticas públicas para atendimento dos direitos civis desses cidadãos.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano. Envelhecimento. Resiliência.

Introdução

Envelhecer é condição da existência. Desde o nascimento, os seres vivos experimentam processos de envelhecimento nas diferentes idades da vida. No que se refere aos seres humanos, a longa infância em proporção aos outros animais, mas também os alargamentos da adolescência – inexistente naqueles – e da etapa vital adulta, processo que se dá em razão das melhores condições de vida

* Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora e pesquisadora na graduação e pós-graduação da Universidade Luterana do Brasil. E-mail: taniasm@terra.com.br

↳ Recebido em abril de 2010 – Avaliado em dezembro de 2010

↳ doi:10.5335/rbceh.2012.004

e de saúde, dão motivos para pesquisas mais acuradas.

Considerando as especificidades do Brasil, vem chamando a atenção o aumento da expectativa de vida e do contingente de pessoas com mais de sessenta anos de idade. Alguns dados são convidativos a reflexões sobre a perspectiva da pirâmide etária absoluta da população brasileira que está envelhecendo. Conforme vem sendo divulgado por diferentes meios de comunicação, a população com 65 anos ou mais passou de 5,9% em 2000 para 7,4% em 2010, o que corresponde a um aumento de 25% dessa faixa etária na última década. As regiões Sul e Sudeste apresentaram, em 2010, 8,1% das suas respectivas populações com 65 anos ou mais, enquanto o contingente de crianças menores de cinco anos foi de 6,5% no Sudeste e 6,4% no Sul, o que vem repercutindo na progressiva inversão da pirâmide populacional.

Existem, no Brasil, atualmente, em torno de 20,5 milhões de pessoas com mais de sessenta anos. Estimativa da Organização Mundial da Saúde indica que, de 1950 a 2025, a população idosa brasileira aumentará 15 vezes, enquanto a população total aumentará cinco. O Brasil estará, assim, segundo o Ministério da Saúde, no sexto lugar em âmbito mundial, com 32 milhões de idosos em 2025^{1,2}.

Com o período do envelhecimento mais longo, elaboram-se novos modos de ser e de estar em etapas vitais às quais gerações anteriores não afluíam ou, se a elas chegavam, apresentavam pouca qualidade de vida.

Bourdieu (1980, apud ALVES JÚNIOR, 2004) explica que a idade é socialmente manipulada, depende de variáveis como influências do meio ambiente, condições de trabalho, classe social e modo de vida. Tais contextos, hoje, são bem diferenciados daqueles experimentados por outras gerações.

A propósito da construção, ou mesmo da invenção da velhice, Gagliatti e Barbosa (2007) elucidam que na Europa, no século XIX, foi preciso criar as aposentadorias, solução proposta por economistas e políticos, para sanar a problemática advinda com as classes de operários envelhecidos que podiam ganhar demais pelo rendimento fornecido e pelo risco de manifestarem doenças³. Então, a aposentadoria implicava a esses operários o recolhimento aos seus aposentos. Assim, na sociedade capitalista, estes já podiam ser descartados, pois não mais produziam a contento e seriam, consoante a explicação de Arruda (2007), peças substituíveis no mundo da produção.

Mas as etapas de desenvolvimento do capitalismo trouxeram outros modos de inserção e descarte de operários. Debert (1999, apud GAGLIATTI; BARBOSA, 2007) especifica quatro condições de envelhecimento nas sociedades contemporâneas:

Os novos padrões de aposentadoria que agregam um contingente cada vez mais jovem da população entre os aposentados; a criação de uma série de novas etapas que separam a vida adulta e a velhice e que são identificados como momentos privilegiados para satisfação e realização pessoal; as concepções auto conservacionistas do corpo que encorajam os indivíduos a assumirem

responsabilidade sobre sua aparência e bem estar; o papel da geração nascida em 1945, os Baby Boomers, que, ao completarem cinquenta anos, ocupam posições centrais na produção, no consumo e na divulgação de bens e estilos de vida identificados com a pós-modernidade (2007, p. 145-146).

Tendo em vista essas novas condições no contexto brasileiro, o Estatuto do Idoso, de 2003, pode representar um avanço na construção da cidadania dessa categoria de pessoas. No entanto, o conceito de “idoso” está se transformando e provocando novos modos de compreender a pessoa em processo de envelhecimento, que passa, mais do que antes, a reivindicar sua dinâmica e real participação.

Neri (2001, apud ARRUDA, 2007) reitera, complementando o que foi explicado anteriormente, que o conceito de idoso como classe social surgiu após a Revolução Industrial, devido à diminuição, nessa etapa vital, da produtividade, demarcando o momento de se retirar do mercado de trabalho.

Contrastando os discursos e as representações sociais sobre o idoso, tem-se o o “ido” como aquele que foi, o “velho” como o obsoleto, o ultrapassado, fora do prazo de validade; a “terceira idade”, terminologia criada na França no final da década de 1960. A primeira idade é caracterizada pela dependência e imaturidade da criança e do início da adolescência, a segunda idade pela produtividade e a terceira idade pelo retorno ou, mesmo, retrocesso à improdutividade; ou o eufemismo da melhor idade – que tem, segundo Arruda (2007), apelos atrativos e comerciais – conceitos esses que trazem a dimensão dos proces-

ses capitalistas. Optou-se, nessa abordagem, pelo conceito de envelhecimento, fundamentado em Mendes (2011; 2012), o qual se refere ao processo de envelhecimento e não à reedição da adolescência em idades mais avançadas. Daí a escrita do termo “envelhecente” e não envelhescente, com “sc”, conforme é proposto por Berlink (2000).

Para compreender o significado de envelhecimento, é preciso aludir que o desenvolvimento humano não obedece a uma lógica linear, mas se desencadeia em um processo metaforicamente espiralado, no qual é necessário reelaborar a história pregressa, ou seja, reconstruir significativamente a infância, a adolescência e as etapas da adultez na envelhecimento. Nesse sentido, as fases da adolescência não podem ser experimentadas na envelhecimento, pois que estão dentro desta de modos ressignificados, importando que o sujeito seja adaptável, especialmente no declínio das condições físicas, as quais não delimitam, necessariamente, os processos cognitivos, psicológicos e sociais. Essas novas demandas caracterizam a competência de resiliência, de modo a que o sujeito seja resistente, não se anulando, mas se autossuperando diante dos desafios psicológicos e sociais transformáveis, e também que tenha a flexibilidade necessária para suas renovadas formas de atuação na sociedade.

As proposições delineadas, num efeito cascata, vertem para a premente problematização: quais as novas demandas sociais e psicológicas de pessoas em processo de envelhecimento na sociedade atual?

É dessa fonte de indagação que respostas à interrogação suscitada podem ser construídas. Por isso, constituiu-se como um problema de pesquisa, remetendo à necessidade de investigação nesse campo teórico e empírico, orientando-se pelos seguintes objetivos: investigar modos de adaptações psicológicas e sociais de pessoas envelhecidas, analisando possíveis processos de resiliência neles implicados; discriminar inserções de pessoas em processo de envelhecimento em setores sociais e econômicos, caracterizando possíveis atuações diretas e indiretas; analisar em que aspectos sociais e psicológicos os envelhecidos gostariam de ser mais bem contemplados, de modo a ampliarem sua qualidade de vida.

O caminho metodológico

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e protocolada com o número 2010-490H.

Para desencadear as ações investigativas, foi contemplado o seguinte processo metodológico: os sujeitos da investigação foram cinquenta pessoas em processo de envelhecimento, homens e mulheres, com mais de 55 anos de idade, pertencentes a diferentes classes socioeconômicas da sociedade. Os sujeitos da pesquisa constituíram-se por 25 participantes da Ulbrati (Ulbra da Terceira Idade) e 25 pessoas da comunidade da Grande Porto Alegre - RS, selecionadas por adesão destas à pesquisa mediante leitura e aceitação do termo de consentimento livre e esclarecido.

Na pesquisa de campo foram utilizadas como instrumentos entrevistas semiestruturadas, as quais foram gra-

vadas e protocoladas com a transcrição das falas dos sujeitos, visando preservar a originalidade dos depoimentos.

Os dados foram examinados de forma quantitativa e qualitativa, sendo submetidos à análise de conteúdos, segundo Bardin (1979). Para tanto, os dados protocolados foram categorizados por similaridades nas respostas dos entrevistados, as quais foram agrupadas e nomeadas pela predominância dos depoimentos e novamente analisadas e reagrupadas, de modo a se buscar sínteses explicativas, o que resultou nas categorias que serão aqui apresentadas.

Ajustando o foco para a análise qualitativa de dados

Com o objetivo de caracterizar quem são os envelhecidos, sujeitos da investigação, importa destacar – sem uma desnecessária, eis que exaustiva, descrição numérica e para tão somente retratar a amostra – que a maioria dos sujeitos da pesquisa tem entre 60 e 65 anos de idade e grau de instrução de ensino médio.

Nos limites deste artigo será compactada uma síntese do conjunto de dados submetidos à análise. Convém explicar, primeiramente, que, para cada rede de categorias constituídas, verificou-se, sem a intencionalidade de aferir, um contraponto. Também convém explicitar que as categorias a serem apresentadas, salientadas em *itálico*, constituem-se, por vezes, em palavras, conjunto de palavras ou frases explicativas, pois são resultantes de depoimentos, conforme proposto na metodologia, que foram conservados na sua originalidade. Tais categorias serão articuladas, a partir dos

dados empíricos, com aportes teóricos e análises interpretativas, almejando-se a triangulação entre a pesquisa com a revisão de literatura pertinente e com a produção de novo referencial. Dito isso, compete extrapolar os discursos de especialistas a falar sobre envelhecimento, dando voz aos envelhecentes.

Os entrevistados apontam, em relação à(s) diferença(s) entre o envelhecimento humano atual e o de outras gerações: *mentalidade*, principalmente concernente às mudanças culturais e de atitudes em relação à vida; *maior atividade dos envelhecentes* nos âmbitos do trabalho, lazer e cultural; e *maior instrução e socialização; liberdade de ação*. Porém, consideram-se *menos respeitados*.

Alguns protocolos são elucidativos quanto a essas categorias:

Antes pessoas com 50 anos eram velhas e não faziam mais nada. Hoje, as pessoas trabalham, viajam, têm muito mais atividades.

As pessoas que estão envelhecendo têm muita mudança de pensamento, principalmente na forma de pensar e na cultura. O velho de hoje tem mais cabeça.

As pessoas idosas hoje são mais esclarecidas, sempre procurando se atualizar.

As pessoas envelheciam em casa; hoje envelhecem em grupos.

Antes nada podia, tudo era feio. Hoje, o idoso é mais alegre, mais feliz.

Antes as pessoas eram muito limitadas, praticamente terminavam a vida. Hoje, idade não significa velhice, pois se tem mais qualidade de vida.

A sociedade, progressivamente, está sendo composta por gerações de envelhecentes que, mais instruídos, não se

conformam com quaisquer formas de integração e inclusão com apelos apenas sociais, pois necessitam de educação continuada. Exemplificando essa mudança comportamental, Rojas (2005), na área de engenharia civil, contribui nessa análise. Esse pesquisador, investigando o planejamento de ambientes construídos destinados à convivência de idosos, constatou que estes aspiram acessibilidade, conforto ambiental e segurança, ou seja, manifestam-se mais exigentes em suas solicitações.

Tais exigências vêm respaldando a defesa dos direitos dos envelhecentes e a ampliação da rede de proteção ao idoso. Contudo, a sua provável diminuição de *status* social tem engendrado, nas óticas de Elsner, Pavan e Guedes (2007), certa negligência social difusa, que é possível evidenciar através da agressão do Estado ao eximir a população idosa do desenvolvimento de programas de proteção e a avaliação de instituições que oferecem abrigo e assistência.

Com isso, para além de se considerarem menos respeitados, os envelhecentes podem ficar à mercê da violência urbana, social, institucional, o que tem, com o aumento populacional, se amplificado principalmente nas três últimas décadas.

Comparando seu processo de envelhecimento com as outras fases da sua vida, destacam como diferenças físicas a *diminuição da capacidade e das condições da saúde* e as *mudanças na aparência*. Paradoxalmente, sublinham a *maior longevidade*. Entre as diferenças psicológicas indicam o *amadurecimento*; a *maior liberdade de pensamento* e os *novos interesses*. Mas, em

contrapartida, verificam o *aumento da manifestação de estresse*. No que tange às mudanças sociais, apontam a *redução de preconceitos*; a *maior socialização*; as *aprendizagens mediadas pelas tecnologias* e a existência de *maior quantidade de grupos organizados*, inclusive de voluntariado. No entanto, evidenciam o *aumento de violência contra pessoas que estão envelhecendo*. E, quanto às diferenças econômicas, explicitam: *menor poder aquisitivo*; *maior endividamento*, pois consideram que os envelhecetes são *mais consumistas* devido às opções de produtos mais acessíveis. Contudo, compreendem que *precisam aprender a controlar gastos*. É interessante notar, através dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, que, quando pertencentes a níveis socioeconômicos mais baixos, eles, como envelhecetes, auxiliam mais financeiramente os filhos do que quando integram de níveis socioeconômicos mais altos, são mais independentes, pois, já não tendo despesas com os filhos, dedicam mais tempo para usufruir do que recebem.

Nas vozes dos envelhecetes entrevistados destacam-se exemplos das categorias:

Mais cansaço, menos força, o corpo não acompanha a mente.

Perca da memória, mais lentidão nas tarefas, mais debilitada.

Tenho mais cabelos brancos, mas a cabeça continua a mesma.

A medicina avançou e se tem mais qualidade de vida, vivendo-se mais.

Tinha complexo de inferioridade. Hoje deixei as bobagens de lado e sou menos tímida. Hoje consigo conversar em público e conheci o verdadeiro amor.

As pessoas que envelhecem são, hoje em dia, mais estressadas, porque, às vezes, têm muitas atividades.

Hoje não tem censura e é tudo liberado.

Estou sempre me aperfeiçoando, me atualizando e uso e-mails.

Uso a internet para a rede de relacionamentos e aprendi a deletar da vida real tudo o que não serve.

Podemos usufruir de uma quantidade grande de grupos de terceira idade, que são mais organizados.

A sociedade mudou e tem mais violência, mais desrespeito com os idosos.

O custo de vida é mais difícil. Quando trabalhava era melhor porque gastava menos. Agora vivo bem, mas tenho que ter controle nos gastos.

Hoje, economicamente sustento a família.

Hoje tenho mais experiência e mais tempo para usufruir o que ganho.

Especialmente neste novo milênio, há um mercado que está atento às especificidades dessa clientela envelhecete em crescimento, a qual se constitui como um nicho importante de consumidores. Os reflexos da sociedade de consumo e das relações sociais mercantilizadas são também abordadas por Ferrigno (2002) que situa as pessoas com idades mais avançadas como presentes na definição de novos mercados de consumo e de lazer.

Questionados sobre os aspectos em que gostariam de ser mais bem atendidos(as), os entrevistados discriminam: *dimensão física relativa à saúde*, seguida da *social*, concernente à *educação e segurança*. Porém, explicam que a *dimensão psicológica* é diretamente afetada por essas carências.

Entre os protocolos examinados, aparece:

É preciso melhorar a saúde pública em relação a atendimento médico e hospitalar e com remédios genéricos de graça. O SUS é uma vergonha. Às vezes a consulta demora até um ano. Como se pode ficar bem se não se é respeitado pelos médicos mais jovens e pela sociedade que é tão violenta.

O atendimento a muitas das necessidades psicológicas é engendrado pelo atendimento das necessidades físicas, ou seja, de saúde, e sociais, decorrentes dos novos cenários e enredos urbanos.

Levando-se em conta que, atualmente, mais de 80% da população é urbana, emerge a necessidade de mudar as inserções do idoso no contexto urbano e de estudar o que é envelhecer na cidade. A nova geografia social solicita a gestão política e cultural da envelhecimento, de modo a integrar e, mais do que isso, incluir os envelhecentes às cidades.

No que se refere ao que consideram que deveria ser proposto ou implementado pelas políticas públicas para proporcionar melhorias de vida à população que está envelhecendo, afirmam, quase que por unanimidade: *saúde pública*. Argumentam que “não adianta ter aumento da aposentadoria se é preciso gastar quase tudo em remédios e convênios” e que há a necessidade do cumprimento do Estatuto do Idoso.

Nas palavras de Alves Junior (2004), as diretrizes de como envelhecer de modos saudáveis tornaram-se um problema social desde o surgimento, no século XX, das associações geriátricas e gerontológicas. Tal problema se intensificou, ganhou forças e proporções

à medida que a vida urbana cresceu. É premente a necessidade de se redefinir, a partir dos efeitos e das conquistas do envelhecimento, os lugares sociais em espaços privados e públicos de pessoas em processo de envelhecimento. Isso porque, segundo estimativas do Banco Mundial, este país tem dez anos para se preparar para o envelhecimento da sua população. Esse preparo também está associado à problemática da previdência e seguridade social.

Em relação aos seus direitos, os entrevistados afirmam que não se consideram respeitados, mas que estão aprendendo a buscá-los: “As leis existem, falta a população reivindicar seus direitos. Falta mais respeito, principalmente pelos mais jovens”.

Tal respeito aos preceitos legais está relacionado ao incremento de diálogos intergeracionais e interculturais. Por isso, é necessário criar condições e espaços sociais para integrar as gerações. Grupos de envelhecentes são importantes para que sejam compartilhados interesses e necessidades, mas esses não devem ficar enclausurados e incomunicáveis com os de outras gerações.

São as inserções sociais e preocupações políticas que mobilizam as pessoas envelhecentes a almejar mais: sentem necessidade de aprender e continuar aprendendo, ter direito a lazer cultural e esportivo, atuar efetivamente em entidades, fazer parte de comunidades virtuais, defender suas causas político-sociais, ser, sobretudo, cidadãos.

Entre as formas de lazer, listam: participação em grupos organizados e de voluntariado⁴, viagens, cinema, tea-

tro, internet, dança, jogos, atividades esportivas e em academias, restaurantes e cursos.

Considerando as interações nas redes sociais de compartilhamento entre pessoas que intercambiam informações, bens e serviços, pode-se inferir que essas têm valor comercial, ou seja, os contatos sociais e como se relacionam são fatores de desenvolvimento econômico, o que se caracteriza como capital social.

No tocante aos dados analisados nesta pesquisa, pode-se aludir que, quanto mais os envelhecidos participarem ativamente na sociedade, mais estarão consumindo, gerando empregabilidade às novas gerações e compondo a engrenagem da economia capitalista.

Com poder aquisitivo advindo de aposentadoria privada ou pública, de proventos ou de poupança de uma vida de trabalho, os envelhecidos participam indireta e diretamente no processo produtivo.

Veja-se, por exemplo, a expansão de setores culturais, esportivos, de lazer, de estética, da saúde, que passam a prestar serviços a clientes que são envelhecidos e que exigem qualidade.

Mesmo com a queda do padrão econômico, os aposentados são consumidores de seus próprios sonhos e participantes ativos na economia. Se adoentados, consomem remédios e serviços médicos. Souza (2005) aponta, por meio de dados empíricos, que a automedicação é a mais utilizada prática terapêutica entre idosos. Assim, a saúde é entendida como ausência de doença, sendo aquela preservada por meio do mercado da saúde fomentada pela indústria farmacêutica. Se economicamente carentes, os aposentados continuam consumindo produtos alimentícios e vestuário; se saudáveis em

seus bolsos, viajam, freqüentam academias, teatros, cinemas, restaurantes... Cada um à sua maneira, e muitos deles auxiliando economicamente seus familiares e, por vezes, sendo por eles explorados, todos compõem a cadeia de uma sociedade capitalista que se alimenta no mercado produtor e consumidor. Dizer que aposentados e pessoas em envelhecimento são improdutivas, inativas e descredenciadas do crédito de valor como capital social é desconsiderar todo contexto real da envelhecimento e o potencial, inclusive econômico, que essas gerações de envelhecidos demandam (MENDES, 2012, p. 150).

A sociedade precisa acompanhar tais transformações, oportunizando educação permanente e estendendo as atuações de pessoas que experienciam essa fase vital, para que, além de participarem como sujeitos integrantes do capital social, tenham seus direitos de cidadania, efetiva e pedagogicamente contemplados.

A extensão de debate em torno do processo de envelhecimento humano e das novas necessidades que vêm suscitando implica a análise das novas funções sociais de envelhecidos no contexto histórico e social atual.

Como a maior parte de as investigações produzidas sobre esse tema, segundo rastreamento realizado por Prado e Sayd (2004), não raramente o envelhecimento é tratado apenas como um período de perdas e desvantagens em razão do declínio das condições físicas, procriativas (devido à menopausa) e das funções produtivas na sociedade.

Porém, também há ganhos, entre os quais o direito ao não trabalho, por ter cumprido a sua jornada profissional. Isso significa dizer que não há uma relação bipolar entre trabalho e ociosidade na

aposentadoria. Não se trata de negar o envelhecimento e, menos ainda, de homogeneizá-lo, mas de abordá-lo sob outra ótica.

Importa resgatar as palavras de Alves Junior, que explica:

a maneira como uma sociedade envelhece vem sendo apontada como capaz de influenciar mutuamente a política, a economia e as relações entre gerações. É um fato que não se deu de forma semelhante em nenhuma outra época, sendo surpreendente o que ocorre em vários países nestes últimos anos. Se os anos sessenta ficaram caracterizados pela revolução em diversos sentidos empreendida pelos jovens, quarenta anos mais tarde estamos entrando numa época em que, pelo menos em aparência, busca-se privilegiar uma nova geração de pessoas que envelhecem (2004, p. 63).

O envelhecimento humano é, sim, uma questão de políticas públicas e precisa ser pautada como tal. Projetos e estratégias devem ser implementados para que a sociedade ganhe em todos os sentidos, inclusive econômico.

Das análises às alternativas: sem um olhar conclusivo, mas aberto a novas perspectivas

Diferentemente de gerações anteriores, que traziam como características ao processo de envelhecimento a aposentadoria e o afastamento gradativo do convívio social, gerações que ora estão experimentando essa fase continuam em plena atividade social, cultural e, por vezes, exercendo funções como profissionais de caráter formal e informal. Parte significativa delas tem maior instrução e participa, mais do que antes, de processos de educação continuada.

Como as pessoas ficam mais tempo envelhecendo, despontam duas necessidades: de vislumbrar alternativas novas para essa fase da vida e de se ampliar as políticas governamentais para atendimento dos direitos civis desses cidadãos.

Para prolongarem a sua qualidade de vida, desejam ser contemplados, psicologicamente, com a diminuição do estresse e, socialmente, com a diminuição da violência. Contudo, pelas transformações a que são solicitados a se adaptar, os sujeitos entrevistados manifestam características de resiliência.

Esses aspectos demandam um novo conceito de pessoa em processo de envelhecimento, que se distancie de “velho” e de “idoso”, o que implica adaptações psicossociais. A sociedade não se beneficia com o descarte da envelhecência, pois, além desta ser capital cultural, é também, conforme examinado, fator de desenvolvimento econômico. Integrantes da sociedade de consumo, os envelhecentes são participantes do capital social e estão a reivindicar cidadania e justiça social, o que justifica a necessidade de se melhor compreender as novas gerações de envelhecentes e suas reais necessidades. O desafio está posto e se abre às alternativas.

Elderly and resilience: psychological subjects such as social capital

Abstract

The Brazilian population over 65 years, according to the census of 2010, passed in the last decade, from 5.9% to 7.4%, which corresponds to an increase of 25% of this age group. The Statute of the Elderly (2003) may represent a breakthrough in the cons-

truction of democratic citizenship that category of people. However, the concept of elderly is becoming a new way and encouraging the person to understand the aging process. The article resulting from empirical research, seeks to: investigate ways of psychological and social adaptation of people elderly, analyzing possible resilience processes involved in them; to discriminate insertions of people in the process of aging in social and economic sectors, featuring performances possible direct and indirect; analyze how the social and psychological aspects elderly would be better addressed in order to increase their quality of life. Among the search results appear most people elderly activity, changes in mentality, increase in education and socialization, increase freedom of action. In conclusion, pointing out that, unlike previous generations, they brought to the process of aging and retirement gradual withdrawal from society, sometimes generations who are experiencing this phase are still in active social, cultural, and sometimes acting as professionals of formal and informal. As people spend more time aging, emerge two needs: to envision alternatives to this new phase of life and to broaden public policies to serve the civil rights of those citizens

Keywords: Aging. Human development. Resilience.

Notas

- ¹ No mesmo ano, estima-se a quantidade de 1,2 bilhão de pessoas com mais de sessenta anos no mundo.
- ² No mesmo ano, estima-se a quantidade de 1,2 bilhão de pessoas com mais de sessenta anos no mundo.
- ³ O prussiano Otto Von Bismark, nesse século, implementou a aposentadoria quando a expectativa de vida na Alemanha era de 45 anos de idade. Por isso, a aposentadoria era bem-vinda, tendo em conta a diminuição das condições de saúde e a consequente baixa produtividade. Desse modo,

o aposentado era submetido ao distanciamento da vida econômica, pois o indivíduo existia economicamente apenas produzindo e absorvendo recursos. Ao não fazer mais parte do processo de produção e situar-se fora do consumo mercantilista, podia ser destituído de valor por nada mais oferecer em troca.

- ⁴ Ver Figueiredo (2005), conforme referências bibliográficas.

Referências

- ALVES JUNIOR, E. D. Procurando superar a modernização de um modo de envelhecer. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 57-71, maio/ago. 2004.
- ARRUDA, I. E. A. Reflexões sobre o idoso e o programa Universidade da Terceira Idade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 94-113, jul./dez. 2007.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BERLINCK, M. T. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- BOURDIEU, P. *Questions de sociologia*. Paris: Ed. du Minuit, 1980.
- BRASIL. *Estatuto do idoso*, Lei 10.741, Brasília: DF, 2003.
- _____. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Ministério da saúde comemora o dia do idoso*. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=35338&janela=1. Acesso em: 1º out. 2011.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: USP, 1999.
- ELSNER, V. R.; PAVAN, F.; GUEDES, J. M. Violência contra o idoso: ignorar ou atuar? *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 46-54, jul./dez. 2007.
- FERRIGNO, J. C. O estigma da velhice. *A Terceira Idade*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 49-56, 2002.

FIGUEIREDO, N. C. M. *Interfaces do trabalho voluntário na aposentadoria*. 2005. 170 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GAGLIATTI, M.; BARBOSA, M. H. S. Que idade tem a velhice? *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 136-148, jul./dez. 2007.

MENDES, T. M. S. *Da adolescência à envelhecimento: convivência entre as gerações na atualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

_____. Envelhecimento: um conceito a ser refletido. *Revista Querubim*, Rio de Janeiro, a. 7, n. 15, v. 2, p. 155-160, 2011.

NÉRI, A. L. O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento In: NÉRI, A. L. (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus, 2001.

PRADO, S. D.; SAYD, J. D. *Teses e dissertações sobre envelhecimento no Brasil*. Rio de Janeiro: Unati, v. 7 n. 1, 2004.

ROJAS, V. B. F. *Contribuições para o planejamento de ambientes construídos destinados à convivência de idosos*. 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Engenharia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SOUZA, A. C. *Como manda o figurino: práticas terapêuticas entre idosos de Porto Alegre*. 2005. 115 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.